

A Casa-Museu
Afonso Lopes
Vieira como *Lugar*
Literário

Cristina Nobre

O LUGAR LITERÁRIO

*Tudo q. é feio me adoce,
tudo q. é belo faz-me bem a mim.
Eu sou assim. Sim, mas parece,
q. é escandaloso ser-se assim!*

Afonso Lopes Vieira, *Notas Diversas* (apud Nobre 2005 II: 370)

0. Manter vivo o património

A abertura da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira [CMALV] ao público, em 8 de Julho de 2005, correspondeu à realização de um desejo muito antigo de revalidação e valorização do património cultural da região. Com as obras de restauro e conservação da CMALV concluídas em 2005, estabeleceu-se um novo marco na história deste património material, pois se iniciou um período de abertura ao usufruto cultural de um bem patrimonial que, por diversas razões, tinha estado vedado ao público.

A linha mestra da recuperação da Casa como espaço museológico, em 2005, foi a devolução, com rigor e fidelidade, a um estado original anterior, isto é, o tempo em que o seu proprietário, Afonso Lopes Vieira (1878-1946), habitava a casa e dispunha a orientação, a dinâmica e o enriquecimento do espaço com a sua sensibilidade de artista e eclético homem de cultura. Mas hoje, passados que são apenas 7 anos sobre essa data inaugural, não existem ilusões sobre a impossibilidade de regressar ao tempo perdido apenas através da materialidade espacial. É preciso encontrar outras vias - científicas e técnicas, talvez turísticas - para manter vivo o espaço museológico.

Para lá das polémicas ligadas ao modo como o desenvolvimento cultural sustentado de uma região entra em relação com bens patrimoniais como as casas-museu - polémicas que atravessarão as conjunturas do futuro e continuarão

a apaixonar os cidadãos em busca de uma identidade e de valores que tanto mais lhes pertencerão quanto melhor deles se souberem apropriar¹ - importa saber como ler a Casa, isto é, que saberes movimentar e metodologias usar para que o património material ganhe sentidos e o público em geral possa ter acesso aos tesouros de que é herdeiro. Nas palavras refletidas de Fernando Magalhães:

“O museu não pode ser visto como um todo composto por três partes distintas, detentoras de valores desiguais: um edifício, um objecto e uma colecção. São 3 partes diferentes, contudo complementares e se é verdade que a monumentalidade do museu fala por si, seja no contexto regional, nacional, ou internacional, não é menos verdade que um museu só tem sentido se tiver um papel social a desempenhar, que é feito por intermédio do seu conteúdo: objectos e colecções. Neste contexto, devemos observar o edifício, os objectos de museu e as suas colecções como um todo, complementar. Só assim poderemos compreender como é que as sociedades, como é que as comunidades actuais se pensam e se projectam perante si e perante os outros.”

(Magalhães 2009: 71)

Creemos que só pela via do conhecimento e da divulgação do conhecimento a CMALV cumprirá a sua missão, transformando-se no *lugar literário* (Herbert 2001: 312) idealizado pelo seu proprietário.

1. A casa que está rezando ao mar...

Efetivamente, a obra de Lopes Vieira aparece estreitamente ligada à praia de S. Pedro de Moel, pequena localidade situada a cerca de 10km da Marinha Grande, rudimentar estância balnear no final do século XIX, quando a família do escritor terá começado a frequentar o local. Se, como refere na conferência de 1940, “Passeio nas Minhas terras” (Vieira 1942: 239-276), iniciou as primeiras férias em S. Pedro de Moel com apenas um ano de idade, isto é, desde 1879, é sabido que até ao Verão de 1945 nunca o escritor falhou uma única época de veraneio, embora por vezes entrecortasse os largos meses que iam de Abril ou Maio a Outubro ou mesmo Novembro, com estadias na casa das Cortes (sobretudo durante a época das vindimas), com curtas viagens turísticas pelo país, ou mesmo com algumas deslocações mais demoradas pelo estrangeiro. S. Pedro de Moel vai aparecer assim como lugar de eleição e de culto, espaço propício à criação de uma obra e à sua íntima consagração, contrabalançando com Lisboa, palco para a receção, divulgação e valorização públicas de uma estética florescida no ambiente fértil do lar marítimo.

Sobre a belíssima Casa de S. Pedro, deitada sobre a praia como nau ancorada, casa que suscitava então, como agora, a curiosidade dos amantes de exemplares arquitetónicos em perfeita simbiose de enquadramento com o meio, o escritor esclarecia:

E, como ainda há pessoas que supõem que a minha casa de S. Pedro de Moel foi construída por mim, recordo que ela está há um século na posse da minha família, posse que se alienou apenas durante alguns anos.

(Vieira 1942: 242)

Na realidade, Afonso Xavier Lopes Vieira, pai do escritor, ofereceu a casa ao filho como presente do casamento realizado em 20 de Abril de 1902 com Helena de Aboim. O jovem casal passou aí a lua-de-mel, numa concretização da premonição feita pelo poeta numa ode do primeiro livro publicado, *Para Quê*, em clara evocação do seu amor pela casa e numa antevisão da centralidade deste espaço durante toda a vida e no processo de escrita. Leia-se o excerto referido e atente-se na belíssima imagem da casa metamorfoseada em caderno - com brancura de papel - onde apetecerá ir escrevendo:

*[...] S. Pedro ao sol luzindo em suas casas caiadas,
Casas velhinhas todas com alpenduradas;
A capela no alto, com vidros de cores
E dentro ao fundo, olhando, a Senhora das Dores;
O Zé Lameiro, à tarde, olhando para o mar,
Emalhando uma rede p'ra lá ir pescar;
Rapariças queimadas do ar do mar, passando
Na estrada que lembrava uma cobra ondulando;
A nossa casa com craveiros nas janelas
E que frolidas e velhinhas eram elas!
E tinha ao sol uma brancura de papel,
Que linda casa para uma lua-de-mel! [...]*

(PQ? 1897: 15-6)

Como uma premonição, a vida e a produção literária de Lopes Vieira criaram raízes no espaço da Casa que hoje é Museu, e o escritor deixou essa fusão bem evidente em vários passos da sua obra. Assim, as incipientes experiências jornalísticas, nos esboços manuscritos dos jornais *A Vespa* e *O Estudante*, tiveram a sua génese aqui, bem como o livro de versos idealizado com o título *Sete Estrelo* (Nobre 1996, 2001, 2003). Em Coimbra, fez-se poeta e intuiu que o espaço da Casa de S. Pedro se ligaria à sua poética dos motivos marítimos. Em dois momentos chave do seu amadurecimento, deixa registo da essencialidade

quase nuclear deste espaço no processo da sua produção poética e na sua oficina de escrita. Em 1917, quando publica *Ilhas de Bruma*, faz do poema de abertura um manifesto programático que dá a ler os motivos recorrentes da sua poética - a literatura portuguesa e o mar:

*Numa casa que está rezando ao Mar,
e tem Camões coroado
não de loiro celebrado
mas de espinhos a sangrar,
aí vivi, sonhei eu,
ao som do mar, que tangia:
os sonhos, ele m'os deu,
ditava, e eu escrevia.
[...]*

(IB 1917: 5)

Em 1940, no derradeiro livro de poesia, *Onde a terra se acaba e o mar começa*, havia de repetir este desiderato até à exaustão, demonstrando na associação entre a casa e o motivo da nau catrineta um certo desalento, que havia de o minar progressivamente nos últimos anos da sua vida:

*[...]
Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci...*

*Onde a terra se acaba e o mar começa
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;
e ouço nos búzios, té que o som esmoreça,
novas da minha pátria, além, além!...*

(OTAMC 1940: 11)

*Casa Catrineta,
desprende-te enfim do chão,
entra-me pelo mar
e lá ao largo vai naufragar
para ir ao fundo com o meu coração!*

*Oh! não poder arrancar-te do chão!
E, gageiro, embarcar
em ti, meter-te ao mar
para ir naufragar,
para ir ao fundo com o meu coração!...*

(OTAMC 1940: 86)

Pelo meio ficaria uma riquíssima vida social, repleta de visitas ilustres à Casa, entre os muitos homens e algumas mulheres de cultura que rodearam o escritor como uma família de arte, irmandade se não de opções ideológicas pelo menos estéticas: com uma crença na missão ilimitada e elevatória da arte na vida. Nomes de quadrantes tão variados como Raul Lino ou Aquilino Ribeiro, Viana da Mota ou Vitorino Nemésio, as irmãs Rei Colaço, Virgínia de Castro e Almeida, Matilde Bensaúde, Reinaldo dos Santos, Leonor e Augusto Rosa, José Maria Rodrigues..., contam-se entre as visitas regulares durante o verão (Nobre 2001, 2003, 2005).

Na Casa, sobretudo na varanda, Lopes Vieira sonhou, ideou, escreveu, corrigiu, voltou a escrever, discutiu com os amigos, leu pela primeira vez os seus poemas recém-orquestrados ao hóspede ocasional, planeou novas ações culturais, entusiasmou-se com tertúlias, esqueceu-se de si, vislumbrou as ilhas utópicas dos seus sonhos de portugalidade.

Em 1929, ergueu o edifício da Capela, dedicada a N.^a Sr.^a de Fátima (hoje identificado como edifício 5), e planificou uma festa de inauguração que havia de juntar as obrigações religiosas e as artísticas com os amigos e a população local. O evento ficou registado para a posteridade num documentário filmado que sobreviveu até nós como um dos primeiros testemunhos da casa enquanto lugar de peregrinações literárias.

O percurso biográfico e a produção literária, bem como a ação cultural de Afonso Lopes Vieira, encontraram na Casa de S. Pedro o elemento material ideal para incorporar a visão estética e ética do escritor. Nesse sentido, a Casa não será nunca apenas um edifício, mas a projeção de um edifício enquanto obra potencial, provavelmente até o espécime bibliográfico mais rico, compósito e complexo, feito de estratos diferentes e de camadas sobrepostas. A morte de Afonso Lopes Vieira, em Janeiro de 1946, havia de estabilizar este processo de (re)construção da Casa, como uma entidade cuja vida parecia ter terminado.

Mas a função que lhe quis deixar para o futuro acabou por contribuir não só para manter viva a Casa como para lhe dar novos sentidos.

2. O legado da Casa aos filhos da terra

Incrustada na paisagem marítima e na tradição familiar de Lopes Vieira, a Casa alcançou foros de objeto estético permeável ao envolvimento afetivo do seu proprietário. Pelos anos fora esta casa cumpriu os papéis de local uterino privilegiado,

onde a criação artística do poeta se desenvolveu harmoniosamente, e de centro de confluência de importantes personalidades da cultura portuguesa de então, numa abertura ao exterior, até se transformar, por vontade testamentária do proprietário (doação por sua morte ou morte da esposa), em Colónia Balnear infantil para os filhos dos operários vidreiros, bombeiros e trabalhadores das Matas Nacionais, função iniciada em 1 de Agosto de 1949 e que ainda hoje se mantém.

Assim, logo após a morte do escritor, por vontade da sua mulher, D. Helena de Aboim (que viria a falecer nove anos depois, em 1955), iniciaram-se as obras de adaptação para o atual edifício 22, criando-se assim uma estrutura viva para receber as crianças da região.

Juntamente com o legado da biblioteca pessoal do escritor à cidade de Leiria, a decisão tinha-se tornado pública em 1939 — a sete anos da sua morte — e numa entrevista concedida ao Diário de Lisboa sobre a notícia, em 15 de abril, Lopes Vieira procurou naturalizar esse ato de despojamento franciscano ligando-o à falta (falha?) de uma descendência direta:

[...] *É verdade; vou legá-la* [a biblioteca herdada do tio-avô Rodrigues Cordeiro] *à cidade de Leiria, mas o acto nada tem de heróico, de extraordinário...*

— *Um belo dom de poeta!...*

— *É um acto fácil, simples, de quem não tem filhos. [...] § [...] § [...] Quando as pessoas se despojam em vida, à franciscana, ainda se pode ter o prazer da oferta. O que faço não passa dum franciscanismo de sétima classe..., creia!*

[...]

— *Vou para uma casa que já não me pertence. Leguei-a, mas como sanatório, aos filhos dos operários e dos pescadores da Marinha. Há muito sol ali, e todos se hão de curar, esquecendo o pobre padroeiro, na grande voz do mar!*

— *A voz de Portugal!*

(Anónimo 1939: 4 apud Nobre 2011: 124-125)

A população da Marinha Grande, no dia 20 de Outubro de 1940, promoveu uma manifestação de agradecimento ao poeta sob a forma de cortejo em que se incluíram cerca de quatro mil pessoas: os meninos das escolas primárias, a Escola Industrial, operários vidreiros, bombeiros, associações e coletividades, o Presidente da Câmara Municipal, o Administrador do Concelho, o representante das Matas Nacionais e da Nacional Fábrica de Vidros, entre outras individualidades. Uma homenagem que o franciscanismo de sétima classe de Lopes Vieira pode

muito bem ter interpretado como a representação viva da alma de Portugal que a sua figura literária tinha querido corporizar.

Enquanto a população se reuniu na praia de S. Pedro de Moel, de frente para a varanda da Casa, as autoridades, no pequeno largo exterior à entrada, proferiram vários discursos de agradecimento e ofereceram peças de vidro ao poeta, que retribuiu com um lanche para as crianças. Talvez tenha sido um dos últimos atos simbólicos do escritor, uma tentativa muito concreta de poder continuar a ver frutificar a sementeira da infância e da juventude, mesmo depois de morto — o longínquo rumor das asas do poeta -, na Casa que viu nascer e crescer praticamente todos os seus projetos literários e culturais.

Veja-se o excerto de uma carta particular de Matilde Bensaúde, endereçada de Ponta Delgada, em 27 de outubro de 1940, em que a bióloga reage à homenagem atrás referida:

*Meu caro Poeta e velho amigo,
Vi no nosso jornaleco da ilha que os operários da Fábrica da Marinha Grande lhe tinham prestado uma homenagem, e depois vi porquê! Não posso deixar de lhe escrever para lhe dizer o prazer que tenho, em saber que a querida casa, onde passei horas tão felizes (no tempo em que se podia ser feliz, sem remorsos), vai servir para um fim tão bom e santo. A infelicidade do mundo, vem de que os homens se esquecem de que a virtude não é um luxo mas sim uma condição, sine qua non, de vida, para os povos, como para as famílias. Os seus instintos do bem, levaram-no sempre pela mão através de todas as tentações de estética pura, para o que é solidamente e verdadeiramente fundamental. Comove-me e atrai-me esse grande coração, que em vez de secar com os anos se torna sempre mais verdadeiramente bom. Por ser mulher talvez, não posso deixar de ver nessa sua evolução constante para o bem, a influência silenciosa, mas sempre igual e sincera de sua santa Helena. [...]*

(BML Cartas [...] vol. XIII)

Matilde Bensaúde (visita da Casa durante um verão, no início do século XX, em que idealizou um livro para crianças sobre biologia marítima, em co-autoria com o escritor) conhecia, por experiência própria, a ligação do escritor à Casa por onde tinham passado todos os seus devaneios, a gestação e a criação das suas obras, a ilha ao abrigo do tempo onde o marinheiro em terra, que Lopes Vieira foi, se transformou numa personagem literária. A doação da casa aparece, assim, como um ato simbólico inato e de grau superior que pode dar corpo e estatuto ao cânone literário do escritor que não teve filhos.

Funciona, de algum modo, como um último reduto contra o esquecimento e o apagamento, a possibilidade de encontrar o que é solidamente e verdadeiramente fundamental. Não uma essência ou substância estática determinada para sempre, mas aquilo que, pelos tempos fora, metamorfoseada em Casa-Museu, poderá representar para a comunidade em que se insere.

3. A metamorfose do ninho de artistas

Se olharmos para a Casa do exterior, percebemos de imediato um objeto estético de culto. Desde que se tornou proprietário da Casa, Lopes Vieira dedicou-se a ela, num processo de embelezamento só estabilizado com a sua morte. Durante a 2.^a metade do século XX, a casa havia de se ir degradando lentamente (podia ser visitada ocasionalmente, mas só a Colónia Balnear funcionava em regime integral durante a época de veraneio), até conhecer novo rejuvenescimento já no início do século XXI, com a transformação em Casa-Museu.

Enquanto habitou a Casa, o escritor fez dela um verdadeiro estaleiro de experiências estéticas, decidido a transformá-la naquilo que descrevera ao seu amigo de infância, Artur Lobo de Campos, como um *ninho de artistas* (Nobre 2001: 21). Preocupado com todos os pormenores estéticos da existência, ao ponto de fazer de si mesmo o mais cuidado exemplo da natural artificialidade de se apresentar em público — *esteta de si mesmo* (Nobre 2003a, 2005, 2005a) que não hesita em se fazer retratar por Eduardo Malta como um aristocrata popular, vestido com uma camisa de pescador da Nazaré mas de monóculo no perfil aristocrático, o derradeiro e escandaloso esteta — Afonso Lopes Vieira encontrou na casa o instrumento criativo mais longo e duradouro para fazer permanecer as suas idealizações artísticas. Em articulação com as várias fases da sua obra literária e em aproximação com os seus programas de ação cultural ativa, foi colando à casa, como poemas na pedra, sinais inequívocos das suas opções estéticas, marcando assim o sucesso de algumas obras ou assinalando os motivos da sua predileção.

A sua sensibilidade levava-o a rodear-se e a servir-se de todos os materiais que fossem portugueses, numa simbiose entre a sua *poiesis* e o seu entusiasmo com a decoração do lar. Assim, há todo um culto do artesanato português a par do aproveitamento dos materiais da natureza envolvente na decoração do interior da Casa, desde os ferros de Coimbra e as cerâmicas das Caldas da Rainha, até às chitas de Alcobça e às flores, conchas e búzios da praia, destroços trazidos pelo mar, objetos transformados pela natureza em arte, numa metamorfose sem fim.

Os materiais são escolhidos em conexão com o lema *reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu* (DG 1922), por isso não é de estranhar que o azulejo tenha sido sobejamente utilizado como cerâmica de revestimento decorativo da Casa, tanto no interior como no exterior.

Se o azulejo é hoje considerado uma das ‘contribuições mais originais do génio dos portugueses para a cultura universal’ (Henriques 2000), Lopes Vieira fê-lo ultrapassar em muito a mera função utilitária para o elevar ao estatuto de intervenção poética na arquitetura do seu *ninho de artistas*. Efetivamente o azulejo é um dos elementos que se destaca na decoração da Casa de S. Pedro de Moel, num processo lento de incorporação, nunca abandonado, antes constantemente acrescentado pelo escritor ao longo da sua vida, na materialidade da alvenaria da casa que está rezando ao mar. O azulejo aparece destacado, como marca visível e privilegiada dos vários arranjos a que a casa foi submetida, contribuindo para esclarecer e ajudar a caracterizar os vários estratos de embelezamento do edifício, bem como a correspondência com as fases da criação literária, umas vezes como forma de eternizar uma efeméride ou o nascimento de uma nova obra literária, outras até de antecipar uma obra apenas em embrião ou de registar uma devoção religiosa ou mística.

Ao lado das pedras comemorativas da região, sob a forma de lápides de lioz, o azulejo cria uma harmonia superior na arquitetura da casa, uma harmonia de ordem estética, que a mão do seu criador quis gravar na casa como linhas de um poema arquitetónico e patrimonial que o futuro deverá saber ler. Nesse sentido, as próprias paredes da Casa aparecem como páginas em que o escritor inscreveu objetos da sua eleição, criando assim uma coleção de cerâmica de decoração única.

A Casa não é, pois, apenas um edifício: ela é também o objeto mais rico da CMALV e constitui, em si mesma, uma coleção arquitetónica a estudar.

4. As camadas da Casa de S. Pedro

Considerando que a CMALV está a passar de uma fase inicial de abertura para uma fase subsequente de musealização, com a inventariação do seu recheio, para eventualmente vir a encontrar-se como bem cultural auto-sustentado, e que todo este processo é moroso e delicado, importa definir com rigor o que pode ser feito hoje, com as condições atualmente existentes. Assim, o primeiro estudo a efetuar terá necessariamente que passar pela Casa como objeto catalogável.

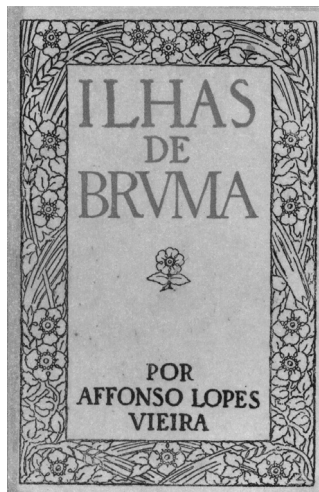
Sabemos já que uma fatia desse estudo passa pela identificação dos vários estratos em que a Casa foi submetida a sucessivos melhoramentos, arranjos e acrescentos. Mas convém advertir que uma parte do estudo ficará soterrada na falta de documentação comprovativa e algumas ilações não passarão disso mesmo.

Uma das primeiras camadas deverá corresponder à data de 1902, data do casamento, a que se faz corresponder a fotografia das obras da casa, em que a varanda, tal como a herdámos, está a ser rasgada, ao mesmo tempo que se ergue o paredão frente ao mar. No entanto, não há uma confirmação oficial da datação da fotografia, pelo que esta primeira data não passa de uma simples conjectura. Podemos considerar esta etapa como o estrato zero, em que a Casa (e referimo-nos exclusivamente ao edifício 1) adquire a fisionomia exterior muito aproximada à que hoje temos.

No ano de 1909 uma fase importante de obras decorreu, tendo ficado registada na correspondência trocada com o seu amigo Artur Lobo de Campos (1884-1949). No verão desse ano uma febre de renovação levou à colocação das ombreiras nas duas janelas exteriores da fachada poente (Nobre 2001: 21-23), do painel 'Camões de coroa de espinhos', no mesmo alçado (Nobre 1999: 300), e, por aproximação com a mesma fábrica de azulejos, a A colena, de Coimbra, muito provavelmente também o registo de N.^a Sr.^a do Monte, na parede sul interior do quarto de dormir. Lopes Vieira registava a sua devoção pelo escritor máximo da língua portuguesa, transformando-o em padroeiro da casa, bem como a devoção quase supersticiosa à Santa que lhe tinha servido de madrinha de batismo, no distante ano de 1878, e que o acompanhou sempre ao longo da vida, até o guardar no jazigo do cemitério dos Prazeres, em Lisboa, onde estão os restos mortais do escritor (Nobre 2003: 93-95). As cercaduras da janela estão em estreita ligação com a obra produzida na época, misturando os motivos das rosas com as espigas de trigo, numa clara alusão ao livro *O Pão e as Rosas* (1908) e em tudo inspiradas nos frontispícios das suas obras da mesma época, como as *Rosas Bravas* (1911). Esta etapa deve ler-se como o estrato primeiro da transformação



da Casa num *lugar literário*, através dos azulejos como revestimento de decoração. Em 1916 encontra-se documentado o segundo estrato. Desta leva acrescentou o painel de azulejos da 'Nau Catrineta', no exterior, na fachada poente, por baixo da varanda, e as sobrepostas com as esferas armilares nas duas portas interiores da varanda, ao estilo sebastianista (Nobre 1999: 300-301). Aquilino Ribeiro estabeleceu a ligação com os emblemas marítimos da esfera armilar e da cruz de Cristo, do Convento de Tomar (Ribeiro 1949: 292), e é bem provável que o Palácio de Sintra, onde existem os únicos exemplares em azulejo da esfera armilar (Pereira 1991: 20), tenha servido de modelo ao escritor. Também estas remodelações se



ligam intimamente à sua obra poética, sobretudo a *Ilhas de Bruma* (1917) e à temática marítima aí glosada, em que o motivo da nau catrineta aparece já, mas que irá continuar a ser glosado nas obras posteriores, como *País lilás*, *desterro azul* (1922) e *Onde a terra se acaba e o mar começa* (1940). A partir de 1922, com o livro de ensaios *Em demanda do Graal*, a cruz de Cristo aparecerá como capa dos seus livros, numa harmonia evidente entre as suas escolhas gráficas e as opções de decoração arquitetónica. É aceitável que este estrato se estenda até 1918-1922, com a colocação dos vários azulejos com o *ex-libris* de Lopes Vieira, como selos colados estrategicamente nos limites exteriores da Casa (do muro Norte ao portão de entrada Sul, passando pelos dois portões de entrada do alçado nascente e centralizando-se na principal fachada poente), embora não se conheça a data efetiva da sua fabricação.

O terceiro estrato é de 1925-27, com a colocação das pedras com a inscrição das obras *Amadis* e *Diana* e a comemoração da visita de José Maria Rodrigues à Casa para

participar no labor camoniano da edição nacional de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, de 1928. A Casa continuava, como uma nau no estaleiro, sempre sujeita a novos arranjos (Nobre 2005b: 195-6), fixando da forma mais definitiva possível – através da inscrição na pedra – a memória sobre a obra produzida.

O quinto estrato é de 1929, e com ele ergue-se de raiz um novo edifício adjacente à Casa: a Capela dedicada a N.^a Sr.^a de Fátima. Este estrato é tão mais interessante quanto representa uma simbiose de motivos marítimos com motivos religiosos, mas todos interpretados como emblemas de uma ideia de nacionalidade em construção. Se os três pastorinhos e a N.^a Sr.^a de Fátima correspondem a uma etapa de afirmação de religiosidade, depois aproveitado pela ideologia do Estado Novo, essa simbologia religiosa foi aqui usada ao mesmo nível que as conchas ou a sobreposta da porta de entrada com a cruz de Cristo. Motivos de um *ethos* português naquilo que tinha de mais genuíno.

O sexto estrato é de 1935, com a colocação da pedra com a inscrição camoniana *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Lopes Vieira antecipava com esta pedra o título da sua última obra de poesia, de 1940, materializando na Casa o embrião da sua criatividade.

5. Uma tarefa de hoje, para o futuro

Agora que o futuro chegou, uma das nossas primeiras obrigações como herdeiros deste património é contribuir para um inventário rigoroso, e de acordo com normas do Instituto Português de Museus [IPM], de todos os bens constituintes da CMALV. Na verdade, trata-se de uma tarefa árdua e morosa, a exigir mão-de-obra especializada e uma planificação detalhada para conseguir ser levada a bom termo, num prazo que não será longo se apenas demorar uma década.

Há muito que o IPM se vem batendo com disciplina e eficácia pela diminuição da subjetividade dos investigadores através da criação de instrumentos de trabalho padronizados capazes de satisfazer as exigências da partilha das informações à escala global. A criação das fichas matrizes, denominadas Matriz, destinadas ao registo e informatização para bases de dados, dos bens das instituições culturais, veio permitir aliar a investigação na área aos conhecimentos técnicos de ponta.

Assim, e enquanto não existirem os meios financeiros e materiais que permitam uma musealização completa da CMALV, este primeiro projeto tomou como objeto de análise cerca de meia centena de objetos de cerâmica de revesti-

mento e decoração e procedeu à sua inventariação o mais completa possível. Resultou num trabalho conjunto e profícuo dos investigadores com os técnicos superiores da Câmara da Marinha Grande, materializado no 1.º *Roteiro da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira*, 2010. Partilhar com o público os resultados da pesquisa científica e técnica e abrir o estudo da Casa a todos quantos se sintam movidos pelas nossas coisas, foi o nosso principal desejo. Que ele possa ser alargado no futuro próximo a um estudo do restante recheio da CMALV, é o nosso projeto para o futuro.

Se o presente estudo contribuir para uma melhor, mais informada e mais rica leitura da CMALV terá cumprido o objetivo mais premente de todos: manter vivo o património, dando-o a conhecer e levando o público a amar os tesouros da cultura portuguesa, devolvendo-nos o que já era nosso, com a consciência de que todos somos responsáveis pelo futuro das nossas coisas. Para e por esse futuro, esperamos poder continuar a tarefa agora iniciada.

NOTAS

¹ Acácio de Sousa, num breve texto de síntese, "Património, Identidade e os Registos escritos" (2009: 99), deixa reflexões importantes para a problemática em apreço: "Em termos lineares, sabemos que Património, dentro das suas mais diversas tipologias, é o testemunho da relação dos homens com o meio. [...] Portanto, esta continuidade é Memória e, logo, uma Identidade. Contudo, sendo composta por diversos momentos, são diversas e evolutivas as identidades de qualquer comunidade. Desta forma, os valores patrimoniais, não sendo comerciais, reconhecem-se pelos afetos e mais se valorizam quando à transmissão dos saberes, que está implícita à transmissão dos afetos, forem reconhecidos um recurso pedagógico e económico. Só quando é entendido como recurso, se pode falar em vitalidade do Património. [...] Por outro lado, se a Memória se mantiver como um registo passivo, estático, por vezes mesmo intocável na preocupação absoluta da preservação, tenderá para a decrepitude e para a dificuldade de percepção nas gerações vindouras, não contribuindo para o bem-estar geral, para a sociabilidade e para o reconhecimento de símbolo identitário. Não cumpre o sentido de cooperação e de complementaridade com outras comunidades porque, não sendo um registo ativo, o Património deixa rapidamente de ser um fator de coesão social. [...]".

² Este edifício é identificado atualmente por *Camaratas* e também recebeu um tratamento de restauro e renovação do mobiliário em 2005. Há notícias orais de que o projeto de adaptação a Colónia Balnear, de algumas casas de arrumo existentes, circundantes ao edifício 1 e ao 5, Casa e Capela, foi feito por Raul Lino, em 1948, mas não se encontrou até ao momento nem a planta, nem os planos dessa obra, que viria a resultar no edifício 5. A hipótese de que tenha sido Raul Lino o arquiteto responsável por esta adaptação / acréscimo é perfeitamente plausível, dada a relação de amizade entre ele e ALV, que passou pela publicação de obras em conjunto (*Animais Nossos Amigos*, de 1911; *Bartolomeu Marinheiro* e *Canto Infantil*, de 1912, to das com ilustrações de RL) e pela utilização de azulejos na Casa de S. Pedro de nítida proveniência da escola do arquiteto.

ANÓNIMO (1939) "O Legado de um Poeta. A preciosa biblioteca de A. L. V. para a Cidade de Leiria; a sua casa de S. Pedro de Moel Sanatório dos Filhos dos Pescadores (entrevista)" in *Diário de Lisboa*, 15 de Abril.

Biblioteca Municipal de Leiria Dr. Afonso Lopes Vieira [BML], espólio de ALV, *Cartas e outros escriptos enviados a Afonso Lopes Vieira*, vol. XIII, Carta de Matilde Bensaúde.

HENRIQUES, Paulo (1991) "Vue d'ensemble sur l'azulejo contemporain au Portugal" in *Azulejos*, Bélgica, Europalia 91: 59-62.

HENRIQUES, Paulo (dir. Museu Nacional do Azulejo) (2000) "Apresentação" in *A Arte do Azulejo em Portugal*. <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/exposicoes-virtuais/a-arte-do-azulejo-em-portugal.html>.

HERBERT, David (2001) *Literary Places, Tourism and the Heritage Experience in Annuals of Tourism Research*, vol. 28, n.º 2: 312-333.

LINO, Raul (1998) *Casas portuguesas. Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples*, 9.ª ed. [1.ª ed., 1933], Lisboa, Cotovia.

MAGALHÃES, Fernando (2009) "O Museu: da sumptuosidade do edifício arquitectónico ao seu conteúdo" in *Património e Identidade*, Profedições, Ciid/IPL, Porto: 68-72.

NOBRE, Cristina (1999b) "O espírito literário da Casa de S. Pedro" in *Actas do III Colóquio sobre a história de Leiria e da sua região*, II vol., Câmara Municipal de Leiria, Leiria: 289-307.

___ (2001) edição de: ... *um longo ataque de melancolia mansa... Correspondência de Afonso Lopes Vieira para Artur Lobo de Campos* (1909-1945), Câmara Municipal de Leiria, ed. Magno, Leiria.

___ (2003) *Passeio Sentimental de Afonso Lopes Vieira*, Rota dos Escritores do século XX, Câmaras Municipais de Leiria e Marinha Grande, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra.

___ (2003a) "Os Lugares da escrita em Afonso Lopes Vieira" in *Lugares da Escrita*. 22 Novembro 2003 / 22 Janeiro 2004, Catálogo da Exposição da Rota dos Escritores do Séc. XX, P. Centro de Portugal, Coimbra: 19-23.

___ (2003b) "Afonso Lopes Vieira: o esteta assumido" in *Afonso Lopes Vieira*. In *Memoriam, Roteiro da exposição "O ano de todas as comemorações. 1878-2003"*, pela Casa Museu / C. C. João Soares, Cortes, Junho: 3-12.

___ (2003c) "Afonso Lopes Vieira. A Obra Publicada (Em livro e dispersa)" in *Roteiro da exposição bibliográfica sobre Afonso Lopes Vieira - "O ano de todas as comemorações. 1878-2003"*, pela Casa Museu / C. C. João Soares, Cortes, Outubro: 3-32.

___ (2004) *Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira*, Roteiro Cultural, Reg. Tur. Leiria-Fátima, Leiria, s/d. [2004].

___ (2005) *Afonso Lopes Vieira. A reescrita de Portugal, vol. I e Inéditos, vol. II*, col. temas portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

___ (2005a) "O esteta de si-mesmo. Afonso Lopes Vieira" in *Revista Clube do Coleccionador*, CTT Correios de Portugal, Lisboa, Junho: 4-6.

___ (2005b) "O espólio epistolográfico de Afonso Lopes Vieira depositado na Biblioteca Municipal de Leiria. O conjunto documental de Augusto Rosa e Leonor de Castro Guedes Rosa" in *Actas do IV Colóquio sobre a história de Leiria e da sua região - História Contemporânea*, Câmara Municipal de Leiria, Leiria: 183-197.

___ (2007) *Fotobiografia. Afonso Lopes Vieira* (1878-1946), Imagens & Letras, Leiria.

___ (2010) "A Casa como Lugar Literário" in *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Roteiro Museológico da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira. Lugar Literário, CM-Mª Grande, ISBN: 978-972-98049-5-3:[3-12].

____ (2011) *AFONSO LOPES VIEIRA na correspondência e na imprensa da época*, apoio FCT, Imagens & Letras, IPL, Leiria.

PEREIRA, J. C. Branco (1991), "L'azulejo au Portugal. Renouveau et permanence" in *Azulejos*, Bélgica, Europalia 91: 19-29.

RIBEIRO, Aquilino [1949], "Afonso Lopes Vieira e a Evolução do seu Pensamento" in *Camões, Camilo, Eça e alguns mais* [...], Lisboa, Liv. Bertrand: 271-335.

SOUSA, Acácio (2009) "Património, Identidade e os Registos escritos" in *Património e Identidade*, Profedições, Cid/IPL, Porto: 99-100.

VIEIRA, Afonso Lopes, 1897, [PQ?] PARA QUÊ?, Livro Escripto por Affonso Lopes-Vieira, ed. F. França Amado, Coimbra.

____ 1917, [IB] *ILHAS DE BRUMA*, of. de Francisco França Amado, Coimbra, 14 de Abril.

____ 1940, [OTAMC] *Onde a terra se acaba e o mar começa*, Liv. Bertrand, Lx.

____ 1942, [NDG] *NOVA DEMANDA DO GRAAL*, Liv. Bertrand, Lx.

____ 1944, "O MONUMENTO DE FRANCISCO RODRIGUES LÔBO" e "LÁPIDA CAMONEANA" in *Livro do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria. 23 a 26 de Setembro de 1943*, Obra subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura, Lisboa: 38-40.

Visitar sítio www.afonsoledesvieira.ipleiria.pt, na internet.

